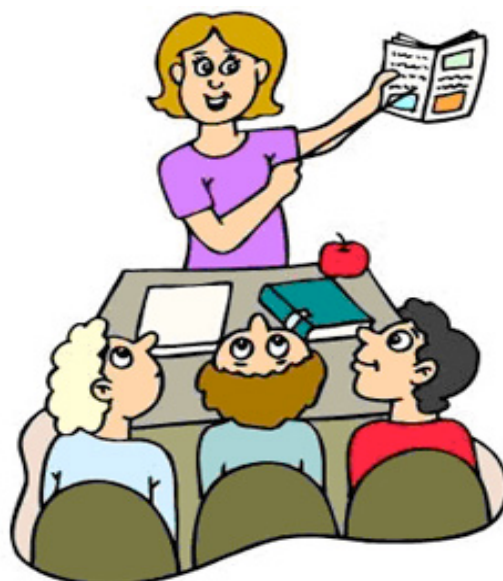


MEMÓRIAS DE UM ETERNO APRENDIZ*André Lima Teixeira*

Era uma vez um menino franzino que ao atingir a idade ideal foi encaminhado, assim como tantas crianças, ao primeiro contato com o mundo. Menino tímido, de olhar desconfiado e sorriso largo, levado pelas mãos zelosas de quem lhe queria bem, mãos que afagam, mãos que revelam através da transpiração a inquietação do momento, mãos que se desenlaçam para o aceno de despedida. Despedida de um mundo protetor e acolhedor para um outro que se descortinava e para o qual deveria conhecer e aprender sobre as coisas que dele faziam parte. O menino logo aprendera que o mundo era maior do que imaginava. E assim, ao atravessar os muros, da escola não parou mais de aprender.

Aprendera o quanto as pessoas são diferentes umas das outras; que algumas, por serem adultas e terem sempre algo a ensinar, deveria sempre prestar obediência; que as regras foram feitas para serem seguidas; deveria antes de entrar na sala formar fila única entre seus colegas e manter-se silencioso; que para todas as atividades havia o horário certo: hora para entrar, aprender, recrear, brincar e ir para casa. Gostava de utilizar as tintas, lambuzá-las nas mãos, como eram frias!

Espalhá-las sobre o papel e com as pontas dos dedos tecer o traçado do imaginário. A aula de leitura o encantava, imaginava-se fazendo parte das histórias e acreditava que nelas tudo podia, mas não compreendia porque não podia levar os livros para casa quando gostava muito deles. Aprendera as primeiras letras quando foi apresentado a cartilha e que *b* com *a* é igual a *ba*, *b* com *e* igual a *be*. Quando avançou aprendeu que *O dedo é de Didi* e que *Vovô viu a uva*. Aprendeu a reconhecer os números, a contar coisas, inclusive que o tempo era contável, pois desde o dia em que este novo mundo foi revelado até aquele momento muito tempo havia passado, muito havia aprendido e muito ainda teria que aprender.

O tempo ... a escola ... o menino ... já era um rapaz e novos caminhos no conhecimento foram trilhados. Aprendera o que significava patriotismo quando, nas segundas-feiras, em filas organizadas como outrora em sinal de respeito e cidadania, fitando a bandeira do Brasil, clamava-se em uníssono o Hino Nacional. Apreciava as aulas de sua professora de história e seus relatos dos povos antigos, sempre tão fascinantes e curiosos. Sentira um friúme quando na feira de ciências teve que apresentar o Sistema Digestivo. Tinha facilidade com a matemática, mas não entendia porque necessário decorar tantas fórmulas, muitas delas sem aplicabilidade no dia a dia. As festividades eram sempre um momento de confraternização entre os alunos, pais e professores e contavam com a participação de todos em sua preparação. Quem não se lembra das bandeirinhas artesanais que eram feitas nas aulas de Educação Artística? Dos quitutes que as mães preparavam? E as avaliações, sempre uma preocupação. Afinal, creditava-se que os alunos que não atingissem a média não tinham aprendido o conteúdo programático das diversas disciplinas e, por conseguinte, estariam fadados a repetir o ano letivo. A nota representava a bússola norteadora do seu desempenho, tanto para a escola como para os pais.

O tempo ... a escola ... o rapaz ... já é um homem e nesse ínterim aprendera que tinha que fazer escolhas. Optou por continuar a aprender. O homem, então, prosseguiu no seu caminhar e hoje nos bancos

escolares do ensino superior, aprende que é preciso “desaprender”, desconstruir conceitos arraigados e ultrapassados, como a concepção da escola consolidada no conhecimento compartimentado e estanque, a relação hierárquica de poder professor-aluno, a avaliação classificatória e quantitativa muitas vezes excludente, quando deveria ser acolhedora e inclusiva, como testemunhara em sua trajetória escolar.

Hoje entende que se faz necessário repensar a prática pedagógica e que a mesma deve estar alinhada aos diversos contextos do mundo contemporâneo, globalizado e dinâmico no qual estamos inseridos. Esse menino, esse rapaz, esse homem... sou eu, que através dessas reminiscências dos tempos de escola procuro através da reflexão contínua sobre as mudanças necessárias desse modelo de ensino, aprender a reformular conceitos pré-estabelecidos de práticas dissonantes e/ou a reproduzir experiências construtivas observadas e vivenciadas, pensando o cotidiano escolar como um canal aberto de interação permanente com as redes de conhecimento e com as transformações sociais em meio as quais os sujeitos da aprendizagem estão inseridos.

.....

✓ *André Lima Teixeira: Aluno do Curso de Letras - Português/Literaturas (UERJ)*